

Alguns aspectos da Teologia da arte em Dom Bosco

Pe. João Mendonça, sdb
mendonca@isma.org.br

Que Dom Bosco (1815-1888) tinha bom gosto podemos comprovar por seus escritos e obras que construiu. Ele sabia escolher os amigos e também o que lhe agradava. Aqui não quero aprofundar este lado da relação interpessoal em Dom Bosco, mas seu bom gosto para a arte, sobretudo, como expressão da fé. O recente Congresso teológico que participei em São Paulo de 24 a 26/09 motivou-me para escrever este breve artigo, pois o tema **O sagrado nas artes: a experiência de Deus na história humana** suscita alguns questionamentos. Fica de fora desta análise a questão literária, rica em Dom Bosco, mas impossível de estudo neste momento.

As primeiras experiências de fé em Dom Bosco começaram na sua infância no colo de sua mãe contemplando a natureza. Ela falava do Deus que tudo providenciava e ao qual devemos obediência. Era o Deus que via tudo, que não deixava seus filhos abandonados. Que fala com todos seus filhos. O Deus de Abraão, Isaac, Jacó. Um Deus quase materializado na literatura, nas artes, na cultura cristã camponesa da época. Esta imagem de Deus João vai levar consigo toda a vida, inclusive na arquitetura religiosa que ele mesmo ajudou a construir.

A teologia que Dom Bosco estudou no seminário de Chieri entre os anos 1837 a 1841 foi marcada pelo rigorismo e pelo jansenismo. É muito forte a imagem de Deus juiz que julga com severidade o pecador. Ao mesmo tempo é oferecida a idéia de salvação numa vida de piedade e de obediência a Deus. Neste sentido a imagem de Deus que passa é de grandeza, severidade e majestade. Dom Bosco realiza uma síntese de todos esses elementos na ação pastoral e nos belos ornamentos das capelas que ele edificou para acolher os jovens.

Entre os nove e dez anos (1825) ele teve um sonho que vai marcar toda a sua vida. Naquele sonho a imagem de Deus que João descreve é de um SENHOR MAJESTOSO. O SENHOR era muito comum na época porque sempre se apresentava a pessoa de Deus como adulto, nobre e diferente do homem camponês. Era um tipo de imagem que atraía pelo contraste com a dureza do homem do campo, tanto é assim que Joãozinho fica marcado com esta imagem imponente de Deus. O adjetivo MAJESTOSO era também muito comum na devoção popular do Piemonte e da Europa em geral desde o período medieval onde predominava o catolicismo. Deus é majestoso, quer dizer, elegante, nobre, rei, quase inacessível. No seminário a experiência com pinturas clássicas de santos despertarão nele a devoção e um ritmo de contato com o divino de forma mais prazerosa, por isso nossa espiritualidade é alegre, otimista e esperançosa. Ele passava horas na capela do seminário contemplando o quadro de santos como São Francisco de Sales, São Vicente, o belíssimo quadro da Consolata, padroeira de Turim, absorvido em oração. É uma arte que expressa a ação de Deus naqueles santos e ao mesmo tempo inspira em João o desejo da santidade.

A forma como toda esta riqueza artística teológica aparece na vida de Dom Bosco começa no oratório de Valdocco. Ali, no meio dos meninos e procurando passar para eles valores cristãos, DB começa construindo ambientes de acolhida e oração. O primeiro foi a capela Pinardi, pequena, teto baixo, que reuniu os primeiros oratorianos. Ali começa uma experiência de Deus nova na vida daqueles meninos abandonados. A capela era uma casa de acolhida, nela todos podiam entrar, sentar no chão, na janela, onde fosse possível; o importante era poder olhar para o sacrário onde estava Jesus, o salvador, e a lado a pequena imagem da virgem Imaculada que Dom Bosco mesmo mandara talhar. Eram expressões vivas de uma religiosidade que falava por si; o segundo foi a construção de uma Igreja maior, a igreja de São Francisco de Sales. Bela, simples e cheia de significado. Nela Dom Bosco mandou colocar o quadro de São Francisco de Sales. As formas delicadas do santo davam a entender aos meninos e aos salesianos o perfil de salesiano que se deveria ser: bondosos, serenos e amigos. Ainda hoje a igreja inspira o desejo de permanecer ali em contemplação diante daquelas pinturas que falam de Deus no interior de nossas vidas; o terceiro foi a Basílica de Maria Auxiliadora. Nela está presente o sentido mais profundo da arte religiosa que animava a vida de DB. A Basílica é a expressão da transcendência, da auto-superação de tudo que é humano, como se o céu tivesse tocado na terra. A idéia primeira de DB era colocar no quadro toda a corte celeste, mas ficou impossível, então, o quadro se tornou um ícone da compreensão que ele tinha do SENHOR MAJESTOSO.

Em primeiro lugar podemos destacar que toda a decoração da basílica está voltada para o quadro da Auxiliadora. Parece que tudo se volta para ela, a rainha do céu. Na realidade é isto mesmo. Maria é a majestosa rainha no centro do quadro, de pé e descalça, ornada com as jóias de Deus: o cetro, a coroa, o Filho Jesus os braços, os anjos, os apóstolos, os profetas, a Trindade, a Igreja inteira. É como se o imaginário religioso não conseguisse abranger tudo, porque somente Deus o Senhor Majestoso pode. Em segundo lugar o quadro é o ícone do Senhor Majestoso da mentalidade religiosa e espiritual de Dom Bosco. Ele, o quadro, é a expressão da sua concepção de Deus. Parece que Dom Bosco queria nos dizer que Deus é o todo que abraça aquele quadro dando sentido à sua missão.

Outro elemento importante da estética religiosa como transmissão da fé na ação de Dom Bosco são os elementos que norteiam seus sonhos: animais, colunas, navios, papas, bosques, indígenas, mártires, etc. Aos poucos esses símbolos e as belas pinturas que foram feitas dão vida a nossas igrejas e expressam um conteúdo catequético de grande impacto na espiritualidade salesiana. Por exemplo: o sonho das duas colunas tido numa noite de 1862 e narrado aos meninos e salesianos em 30 de maio do mesmo ano, é uma obra de arte da fé de Dom Bosco. Ele contempla da terra firme uma batalha no mar bravio. Um navio muito grande navega em meio a protestos de pequenos navios armados de canhões. No meio dos tiros o papa cai morto e outro papa aparece. É um momento muito difícil da Igreja (grande nave). As pequenas são naves de protestantes e outros perseguidores da Igreja. Surgem no meio do mar duas colunas com correntes que se fixam na grande nave para salva-la dos ataques. Uma coluna traz a imagem da virgem Maria com um cartaz que diz Maria Auxiliadora; em outra coluna mais forte e alta aparece bem no alto uma grande hóstia com os dizeres salvação dos cristãos. Temos a pintura deste sonho em Turim. É magnífica. Na pintura podemos contemplar a confiança de Dom Bosco na ação de Deus nos rumos da Igreja. A arte expressa a fé, o interior de um religioso que sintoniza com o difícil momento eclesial daquela metade do século dezenove.

Voltando ao quadro gostaria ainda de dizer que a bela forma como Dom Bosco manda pintar a imagem de Maria e sua presença no alto da Basílica representa algo mais. Para ele crê não é apenas algo racional, mas sentimento, afeto, amor. Dom Bosco ama tanto o Senhor Majestoso que não se contenta apenas em ornar a Basílica por dentro, mas continua fora com o mesmo esplendor quase dizendo que tudo fala de Deus e que aquela beleza nos leva ao céu e o céu desce na terra. Olhando a basílica de fora podemos imaginar o céu que transcende em beleza. Em tudo está a majestade de Deus que nos cria salvando.

Também com o mesmo requinte e beleza ele constrói a pedido de Leão XIII a Basílica do Sagrado Coração em Roma com o estilo clássico como se fosse uma continuidade da Basílica Maria Auxiliadora, dando ênfase ao Coração do Senhor Majestoso que se une ao coração da mãe. No fundo é uma arte que expressa e envolve o sentido profundo do amor que salva, um coração que ama, porque na religiosidade da época o coração é que pensa, ama e se reconcilia com Deus (Cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 2, p.38).

Dom Bosco foi assim um evangelizador através da beleza. Ele mesmo dizia com respeito a ornamentação das capelas: “Para Deus tudo do melhor”, quer dizer, o luxo, o belo, o bom gosto não podia ser economizado nestes ambientes porque eles falam da beleza de Deus. Podemos dizer que a estética na teologia da arte é vinculação da graça de Deus, o amor; o feio, sobretudo, na arte sacra é o pecado.

Algumas questões:

1. O que a teologia da arte pode revelar de Deus no atual contexto do Brasil?
2. O que seria mais difícil mudar a moldura ou a pintura em relação ao ser religioso/a, padre, teólogo?